O papel do biblista frente aos desafios do fundamentalismo religioso

Liniker Henrique Xavier[1]

Resumo

O texto aborda o papel crítico dos biblistas diante dos desafios impostos pelo fundamentalismo religioso na sociedade contemporânea. Enfatiza-se a tensão existente entre a interpretação fundamentalista da Bíblia, que advoga pela literalidade e inerrância das Escrituras, e uma abordagem mais exegética e hermenêutica que considera os contextos históricos, culturais e linguísticos dos textos sagrados. O fundamentalismo é criticado por sua postura dogmática e muitas vezes intolerante, que ignora os diversos gêneros literários da Bíblia e a complexidade de sua formação, restringindo assim o entendimento e a interpretação das Escrituras. Contra essa perspectiva, os biblistas são vistos como fundamentais na promoção de um entendimento mais rico e nuanciado dos textos bíblicos, utilizando-se de análises críticas para combater interpretações simplistas e muitas vezes prejudiciais propagadas pelo fundamentalismo no campo social e religioso.

Palavras-chaves: Fundamentalismo. Teologia. Biblistas.

1 Introdução

O ofício de biblista enfrenta desafios significativos no contexto contemporâneo marcado por tensões entre interpretações fundamentalistas e leituras mais exegéticas e hermenêuticas da Bíblia. O fundamentalismo bíblico, caracterizado pela crença na literalidade e inerrância das Escrituras, muitas vezes entra em conflito com a análise crítica, que busca entender os textos em seus contextos históricos, culturais e linguísticos específicos. Essa postura, que desconsidera os diversos gêneros literários presentes na Bíblia e a complexidade de sua formação, perpetua uma relação dogmática com os textos sagrados,

[1] Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Mestre em Teologia pela Unicap (2018). Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Joaquim Nabuco (2013) e MBA Executivo com Ênfase em Marketing e Mídias Digitais na Fundação Getúlio Vargas. Cursa Pós-Graduação Lato Sensu em Comunicação Política na Universidade Federal de Pernambuco. É membro pesquisador em dois grupos de pesquisas, ambos da Universidade Católica de Pernambuco: Cristianismo e Interpretações, e Estudos Transdisciplinares em História Social. Atua na linha de pesquisa das Tradições e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade. E-mail: linikerxavier@gmail.com.

limitando sua interpretação e, por vezes, fomentando posturas intolerantes e fundamentalistas no campo social e religioso.

Nesse cenário, os biblistas desempenham um papel de fundamental importância na promoção de uma compreensão mais nuanceada e profunda das Escrituras. Através da crítica textual, da análise histórico-cultural e do emprego de métodos contemporâneos de investigação literária, os estudiosos da Bíblia têm a possibilidade de resgatar os significados múltiplos e as intenções originais por trás dos textos bíblicos.

Ao fazer isso, podem contribuir significativamente para superar leituras fundamentalistas, demonstrando que a mensagem bíblica, frequentemente, não repousa em uma interpretação literalista, mas requer um entendimento do contexto da época, dos autores humanos da Bíblia e das audiências originais. Este movimento em direção a uma exegese mais informada pode, portanto, abrir espaço para diálogos inter-religiosos e intra-religiosos mais respeitosos e enriquecedores, combatendo posturas de exclusão e literalismo extremo.

No entanto, para que esse papel seja efetivo, é fundamental que os biblistas também estejam engajados em uma comunicação eficaz com as comunidades não acadêmicas. A superação dos fundamentalismos não se dá apenas no âmbito acadêmico, mas requer uma democratização do conhecimento bíblico crítico, alcançando as bases das comunidades de fé e os espaços educativos em geral.

Isso implica desenvolver uma linguagem acessível e estratégias educativas que conectem o conhecimento acadêmico sobre os textos bíblicos com as questões e experiências da vida cotidiana das pessoas. Dessa forma, o ofício do biblista se expande: deixa de ser apenas o do especialista que interpreta textos antigos e passa a ser também o do educador comprometido com a iluminação das mentes e corações, facilitando uma relação mais consciente, responsável e compassiva com as sagradas escrituras e suas diversas interpretações.

Nesta comunicação, passo a apresentar algumas considerações acerca do que é o fundamentalismo, como ele se manifesta no âmbito religioso e alguns cenários possíveis para enfrentar estes desafios.

2 Considerações sobre o fenômeno fundamentalista

O termo "fundamentalista" foi cunhado em 1920 pelo Reverendo Curtis Lee Laws, editor do jornal batista Watchman Examiner (Pierucci, 1992, p. 144). Na época, o termo foi prontamente adotado e celebrado por batistas e presbiterianos como um símbolo de seu compromisso de defender aquilo que entendiam como os pontos fundamentais da fé (Pierucci, 1992, p. 144). Pierucci destaca que estes princípios foram articulados e publicados em uma série de panfletos redigidos entre 1910 e 1915 e tratavam de itens como a inerrância da Bíblia, o nascimento virginal de Jesus Cristo, sua ressurreição física, a expiação de pecados através de Jesus e a veracidade dos milagres atribuídos a ele. Entre estes, o conceito de inerrância bíblica tornou-se particularmente proeminente dentro do ativismo fundamentalista, culminando em uma obsessão contínua com a narrativa bíblica da criação humana (Pierucci, 1992).

O fundamentalismo pode ser entendido, seguindo os passos de Marty e Appleby (1991), como uma estratégia que busca restaurar uma ordem percebida como ameaçada por forças externas. Essa estratégia não é exclusiva de um contexto religioso, mas pode ser identificada em diferentes esferas sociais e políticas. O fundamentalista está “com suas palavras e muitas vezes com suas atividades, em guerra com o mundo” (Eller, 2018, p. 434). Em sua essência, o procura por certezas absolutas, por dogmas incontestáveis, e por uma visão singular do mundo, ancorando-se em textos, tradições ou líderes inquestionáveis:

> Não é nenhum insulto ao fundamentalismo considerá-lo militante, seja no uso de palavras e ideias, ou votações ou, em casos extremos, balas. Os fundamentalistas se consideram militantes. Isto significa que a primeira palavra para referir-se a eles é dizer que eles são reativos (Marty; Appleby, 1991, p. 9).

Quando falamos em fundamentalismo religioso, Mendonça e Velasques Filho apontam que o fenômeno assume posições radicais em relação à Bíblia de modo que “está fora de cogitação qualquer forma de contextualização” das escrituras, provocando “forte hostilidade à moderna teologia e seus métodos” (1990, p. 140). Uma série de crenças e atitudes caracteriza esse fiel:

> a) gosto exagerado pelas profecias, com o abandono relativo dos demais quadros básicos da fé cristã; b) expectação permanente da volta de Jesus Cristo; c) insistência em sinais; d) insistência em quadros referenciais de doutrinas que possam transmitir segurança, ou melhor, respeito pela reta doutrina (dogmatismo); e) desconfiança para com a ciência e toda forma de saber que não tenha referencial bíblico; f) certeza de que os que não compartilham com seus pontos de vista religiosos não são absolutamente cristãos (Mendonça; Valesques Filho, 1990, p. 141).

Conforme apontam Marty e Appleby (1991), entre as características recorrentes dentro desse fenômeno está o idealismo religioso, o uso de escatologias dramáticas, uma mitologização dos inimigos, apelo às massas, lideranças autoritárias, zelo missionário e uma mentalidade de crise. Desse modo, o fenômeno fundamentalista pode existir na política, onde os seguidores de uma ideologia particular rejeitam qualquer compromisso ou nuance; na cultura, ao resistir à globalização ou a influências externas percebidas como ameaçadoras para uma cultura ou tradição específica; e em outros muitos setores. Em seu núcleo, a tentativa de retornar a uma ordem anterior, percebida como pura ou autêntica, em face de um mundo em rápida mudança, em reação contra as incertezas, as ambiguidades e as complexidades da vida moderna. Fenômeno ambíguo, embora possa oferecer clareza e certeza para seus adeptos, também pode levar ao extremismo, à intolerância e, em alguns casos, à violência. De acordo com Mendonça e Velasques Filho, o fenômeno assume características autoritárias e ultraconservadoras:

> Antes de mais nada é uma forma de fé cristã inteiramente voltada para o sobrenatural e para o a-histórico. Não há nenhuma abertura para o social, para a Igreja no mundo. É uma fé passiva em busca de sinais. Não favorece nenhuma reflexão teológica. A fé já está cristalizada na reta doutrina. Não favorece projetos nem gera utopias porque a leitura da Bíblia já está feita. E um dogmatismo escolástico, autoritário e ultraconservador. A auto-suficiência dos fundamentalistas em matéria de fé constitui-se numa espécie de racismo confessional. A ausência de amor é uma das primeiras consequências. O fundamentalismo não se difunde eclesialmente, isto é, pelas confissões de fé das Igrejas constituídas, mas ideologicamente, através de instituições paraeclesiais preponderantemente estrangeiras (Mendonça; Velasques Filho, 1990, p. 142).

Arens explica que os fundamentalistas tomam ao pé da letra a linguagem, ao invés da mensagem (2007, p. 60). Ele explica que, ao acessar o texto bíblico que apresenta Deus moldando um bocado de argila, o manipulando e, a partir daí, formar o ser humano, a mensagem do texto é a de Deus enquanto ponto de partida, criador, e não necessariamente que do barro se fez o homem ou que da costela de Adão se formou a mulher (Arens, 2007, p. 60). Os fundamentalistas ignoram uma série de incongruências que existem na Bíblia, fruto das tradições orais, como a duplicação de narrativas para falar do mesmo evento com pontos de vista divergentes, falta de uma ordem cronológica lógica e uma série de anacronismos (Arens, 2007, p. 65):

> Tudo isto implica que nem tudo o que se encontra na Bíblia deve ser absolutizado e considerado indefectivelmente correto e válido para todos os tempos. A interpretação é relativa à medida que depende do nivel cultural e cognitivo, tanto do emissor como do receptor (Arens, 2007, p. 89).

Sobre o fundamentalismo religioso, Bauman destaca seu caráter totalitário e a sua abertura para outras formas de fundamentalismo:

> O fundamentalismo religioso pertence a uma família mais ampla de soluções totalitárias ou protototalitárias, oferecidas a todos os que deparam a carga da liberdade individual excessiva e insuportável. Além do fundamentalismo religioso, a família inclui muitas formas de fundamentalismo étnico, de orientação racial ou tribal, todas constituindo oposição tanto ao estado secular como à cidadania indiscriminada e não-discriminadora (denegrida como 'abstrata'), que vêm agora tomar o lugar dos geralmente desacreditados movimentos políticos totalitários (como o comunismo ou o fascismo)" (Bauman, 1998, p. 229).

A dinâmica entre modernidade, pluralidade e fundamentalismo tece uma intrigante parte de nossa tapeçaria social contemporânea. Em um mundo cada vez mais marcado pela diversidade de ideias e práticas, é paradoxal que o fundamentalismo continue a ressoar para muitos, agindo como um polo magnético, atraindo seguidores desejosos de se apegar a uma verdade singular, firme e imutável. É paradoxal que justamente a acelerada modernização e a consequente pluralização da sociedade alimentam o apelo do fundamentalismo. As rápidas

mudanças sociais, culturais e tecnológicas têm desestabilizado tradições e estruturas sociais que anteriormente ofereciam um senso de pertencimento e identidade. Em meio a essa fluidez, muitos indivíduos sentem-se desorientados, ansiando por algo sólido ao qual se apegar. O pluralismo obriga, aponta Berger, que indivíduos façam escolhas entre diferentes possibilidades religiosas e não religiosas (BERGER, 2017, p. 83). Enquanto que essa pode ser uma experiência libertadora para uns, é também dolorosa para outros. E, diante de um indivíduo que se vê obrigado a fazer suas escolhas, instituições religiosas podem, para afastar o relativismo, apostar no fundamentalismo.

3 Desafios do fundamentalismo

O fundamentalismo, em sua rigidez interpretativa, impõe uma série de desafios significativos à leitura e compreensão aprofundada dos textos bíblicos. Primeiramente, um dos principais desafios é a promoção de uma leitura literal das Escrituras, que frequentemente ignora os contextos históricos, culturais e linguísticos em que os textos sagrados foram escritos. Tal leitura tende a fossilizar os textos em um passado idealizado, além de anular a possibilidade de diálogo com questões contemporâneas complexas. A insistência em uma verdade única e incontestável dificulta a consideração de perspectivas diversas e o desenvolvimento de uma fé que possa dialogar criticamente com seus contextos, o que, por sua vez, estagna o pensamento teológico e impede a evolução moral e espiritual que pode emergir de uma reflexão bíblica profunda e contextualizada.

Em segundo lugar, o fundamentalismo também desafia a hermenêutica bíblica ao criar divisões e conflitos tanto dentro das comunidades de fé quanto entre diferentes tradições religiosas. Ao sustentar que a própria interpretação é a única válida, grupos fundamentalistas alimentam uma postura de exclusão e, por vezes, de antagonismo em relação a outras formas de entender a mensagem bíblica. Isso pode levar à intolerância religiosa, à alienação de membros que pensam de forma diferente dentro da mesma comunidade de fé e ao enfraquecimento do tecido social e espiritual que une diferentes grupos em torno de valores comuns.

O terceiro desafio é a manipulação e instrumentalização da Bíblia para

agendas políticas e sociais. Sob a influência do fundamentalismo, textos bíblicos podem ser utilizados para justificar diversas formas de opressão, discriminação e violência, uma vez que a leitura literalista frequentemente retira os textos de seus contextos e os aplica de maneira inapropriada à realidade contemporânea. Esta prática não só compromete a integridade da mensagem espiritual e ética contida nas Escrituras, como também contribui para o sofrimento e injustiça social, invalidando a relevância da Bíblia como fonte de libertação, amor e justiça.

Finalmente, um quarto desafio imposto pelo fundamentalismo é o obstáculo que ele representa para a educação religiosa e teológica. Uma abordagem fundamentalista pode limitar severamente o escopo do ensino religioso, impedindo que indivíduos explorem, questionem e compreendam de forma mais ampla a fé que professam. Isso restringe o desenvolvimento de uma consciência crítica entre os fiéis, dificultando o surgimento de intérpretes qualificados e engajados em suas comunidades, que possam contribuir para uma vivência religiosa mais autêntica, responsável e contextualizada. Assim, superar o fundamentalismo e promover uma leitura crítica e reflexiva da Bíblia se faz essencial para uma experiência de fé que seja intelectualmente satisfatória e espiritualmente enriquecedora.

4 Considerações finais: biblistas e o enfrentamento ao fundamentalismo

A atuação dos biblistas em suas comunidades de fé é fundamental para a superação do fundamentalismo, exigindo uma abordagem multifacetada e profundamente comprometida com a educação e o diálogo. É essencial que se promova uma educação bíblica que valorize a hermenêutica, a interpretação crítica e contextual dos textos sagrados. Isso implica estabelecer programas educacionais dentro das comunidades que enfatizem a história, as línguas originais da Bíblia, e as circunstâncias culturais em que os diferentes livros bíblicos foram compostos. Ao capacitar os membros da comunidade com esta compreensão mais rica e multifacetada, os biblistas podem fomentar uma apreciação pela complexidade e profundidade das Escrituras, ajudando a prevenir leituras simplistas ou literalistas que alimentam o fundamentalismo.

Os biblistas precisam encorajar o diálogo interno e a pluralidade de

pensamento dentro das comunidades de fé. Isso pode ser alcançado através da criação de espaços seguros para discussão e questionamento, onde os indivíduos podem expressar suas dúvidas e explorar diferentes interpretações dos textos sagrados sem medo de represálias ou ostracismo. Esta abertura ao diálogo ajuda a comunidade a reconhecer a legitimidade de múltiplas perspectivas e a entender a fé como uma jornada de exploração e crescimento, em vez de uma adesão rígida a doutrinas inflexíveis.

Também entendemos ser imperativo que os biblistas construam pontes entre o conhecimento acadêmico e as práticas de fé da comunidade. Isso envolve a tradução do discurso acadêmico, muitas vezes denso e inacessível, em uma linguagem que seja compreensível e relevante para a vida cotidiana dos membros da comunidade. Ao fazer essa conexão, os biblistas podem ajudar a esclarecer como as descobertas acadêmicas sobre a Bíblia estão longe de minar a fé, podendo, ao contrário, enriquecer e expandir a compreensão e experiência religiosa dos indivíduos. Essa abordagem pode diminuir a desconfiança entre as comunidades de fé e os círculos acadêmicos, mostrando que a crítica bíblica pode ser uma aliada valiosa na busca por um entendimento mais profundo e autêntico da mensagem bíblica.

Por fim, os biblistas devem trabalhar ativamente para demonstrar e reforçar os valores de amor, justiça e inclusão presentes nas Escrituras. Isso significa não apenas explicar os textos em termos teóricos, mas também promover iniciativas comunitárias e sociais que encarnem esses princípios. Tal envolvimento prático mostra que uma leitura crítica e contextualizada da Bíblia leva a um compromisso ético com a sociedade, combatendo assim as visões fundamentalistas que muitas vezes promovem a exclusão ou a discriminação.

Referências

ARENS, Eduardo. **A Bíblia sem mitos**: uma introdução crítica. São Paulo: Paulus, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

ELLER, Jack David. **Introdução à antropologia da religião.** Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. **Fundamentalism Observed**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1990.

PIERUCCI, A F O. Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa. **Revista Usp**, n. 13, p. 144-56, 1992. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i13p144-156. Acesso em: 15 jun. 2023.